

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
INFANTO JUVENIS



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- Conversas noturnas, por Ciça Ribeiro, pág. 05
Noite de medo, por Ciça Ribeiro, pág. 09
O diário de Dedê: onde tudo começou!, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 13
Feliz idade, por Érica Nara Bombardi, pág. 17
Não tenha medo, por Érica Nara Bombardi, pág. 19
O faz de conta, por Geise Barreto, pág. 22
Quando Aurora nasceu, por Hélio Sena, pág. 25
No Reino de Ostrovo, por Iraci José Marin, pág. 28
As travessuras de Pitite, por Line Zanscala, pág. 32
A fuga, por Gindre J, pág. 37
Recomeço, por Liah Pego, pág. 39
Fadas contemporâneas, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 42
A infância..., por Mônica Palacios, pág. 46
Eu estou!, por Mônica Palacios, pág. 49
O pinheiro, a minhoca, o pardal e o camundongo, por Roberto Schima, pág. 51
Memória de Coruja, por Roberto Minadeo, pág. 58
Bolinho, por Tiago C. Ramazzini, pág. 63
Colinho, por Tiago C. Ramazzini, pág. 65
Noite misteriosa, por Isabella Ayumi Alcantara, pág. 67
A amizade, por Laura Cristina Wicki Lorena, pág. 69
O cravo solitário, por Mateus Gabriel Rocha Ribeiro, pág. 71
Meu dragão, por Samilly Martine dos Santos, pág. 73
João e o pé de milho, por Teylor Rodrigues Meirelles, pág. 75
Conheça outros títulos da coleção, pág. 78

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



A Bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

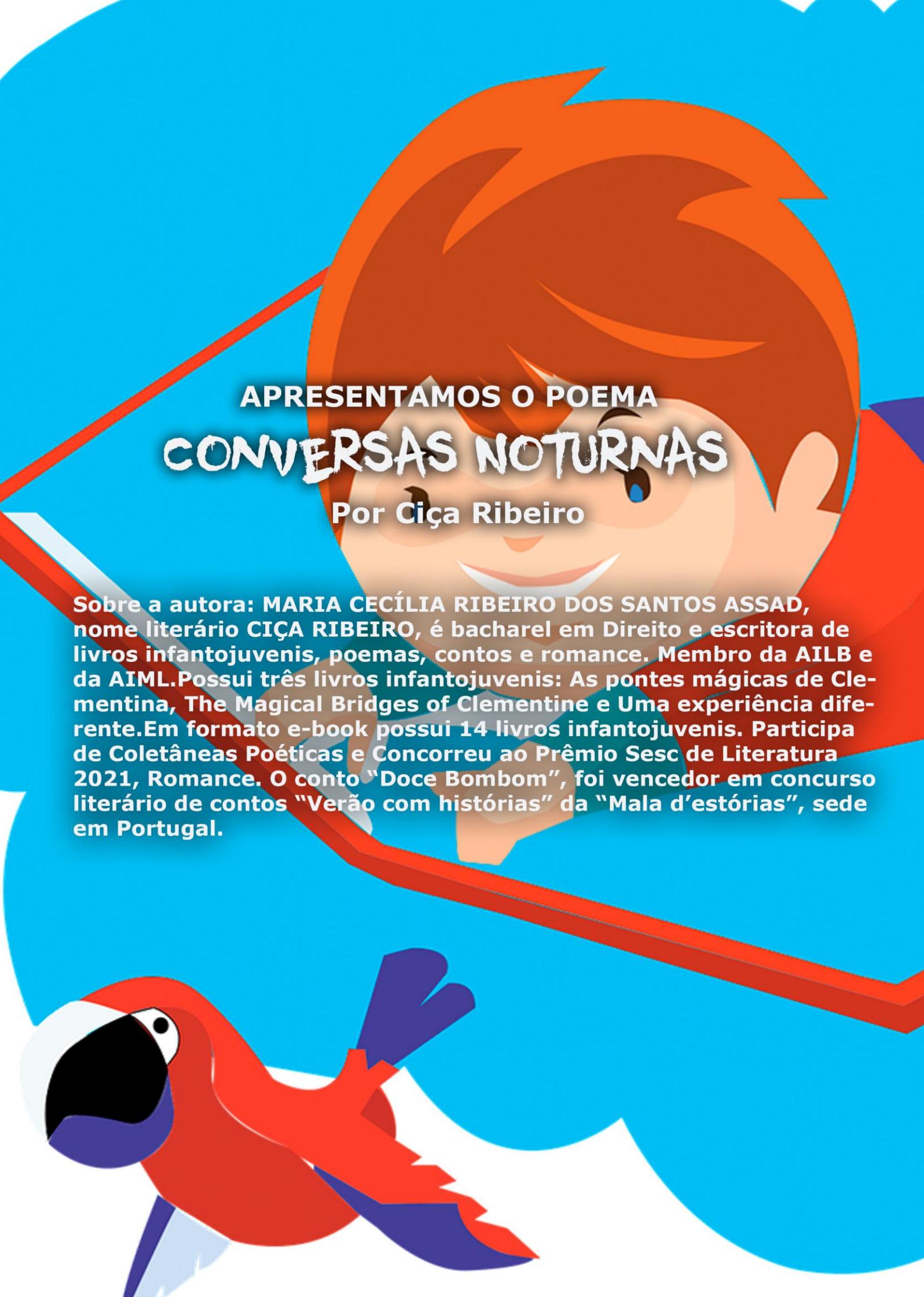
Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

— **Cecília Meireles**





APRESENTAMOS O POEMA
CONVERSAS NOTURNAS

Por Ciça Ribeiro

Sobre a autora: MARIA CECÍLIA RIBEIRO DOS SANTOS ASSAD, nome literário CIÇA RIBEIRO, é bacharel em Direito e escritora de livros infantojuvenis, poemas, contos e romance. Membro da AILB e da AIML. Possui três livros infantojuvenis: As pontes mágicas de Clementina, The Magical Bridges of Clementine e Uma experiência diferente. Em formato e-book possui 14 livros infantojuvenis. Participa de Coletâneas Poéticas e Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura 2021, Romance. O conto "Doce Bombom", foi vencedor em concurso literário de contos "Verão com histórias" da "Mala d'estórias", sede em Portugal.

Toda noite a criatura sentada me
escutava
Sabe a cadeira ao lado da estante?
Ela, de pernas cruzadas, lá
me aguardava
Os dias das folhas dos galhos da minha árvore
Sim, ela está na minha
janela
Por isso é minha na
pandemia
Pois bem, os dias
Ah! os dias tanto das
folhas como os meus
foram parados
Mesmo com a ventania
louca do outono
Os bem-te-vis não viam
mais ninguém
Nem do bem nem do mal
Os sanhaços, aqueles azuis ou aqueles amarelos,
a mim desbotaram
Os sabiás tão magrinhos e
de peitos flácidos
Pois as notas do seu canto doce sumiram

A Dica ora acordava ora
dormia
Latir ninguém nem a ouvia
Ah! mas os meus dias

Eu os preenchia
Bolos e tortas na cozinha
Engordavam minha família
Tantos ovos no delivery eu
pedia
Lãs e agulhas de tricô
Também acordaram
E das caixas pularam
Cachecóis
Gorros
Luvas
Cada um da família
Ganhou um que eu fazia
Os tanques se encheram
de tênis e cadarços
De molho eles ficaram
A sujeira era de ano
Eu os lavei e tudo deu
certo

Da família eu era a mais
animada
Até gemada comeram
Vitaminas de morangos
congelados e batidos
Foram o sucesso preferido
Mas à noite era ela quem
me ouvia
Tudo para ela eu dizia

E perguntas então aos montes eu fazia

Lá do teto onde eu me

escondia

Sua cabeça e pernas

cruzadas eu avistava

Só não gostei do dia em

que ela se mexeu

Primeiro os braços

E as mãos gesticularam

As pernas cruzadas

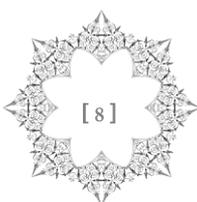
esticavam e viravam

E vocês vão me perguntar

se ela respondeu?

Não brinquem com isso

Aí sim eu morreria.





APRESENTAMOS O POEMA
NOITE DE MEDO
Por Ciça Ribeiro

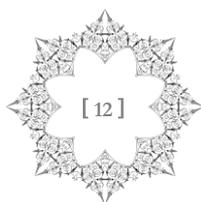
Sobre a autora: MARIA CECÍLIA RIBEIRO DOS SANTOS ASSAD, nome literário CIÇA RIBEIRO, é bacharel em Direito e escritora de livros infantojuvenis, poemas, contos e romance. Membro da AILB e da AIML. Possui três livros infantojuvenis: As pontes mágicas de Clementina, The Magical Bridges of Clementine e Uma experiência diferente. Em formato e-book possui 14 livros infantojuvenis. Participa de Coletâneas Poéticas e Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura 2021, Romance. O conto "Doce Bombom", foi vencedor em concurso literário de contos "Verão com histórias" da "Mala d'estórias", sede em Portugal.

A porta da cozinha gritou
Rehrehreh
A janela fechada e de vidro
preto
Amedrontou meus ossos
emudeceu o ar
Fosse dia o vidro seria azul
O céu entraria pelas
frestas da janela e sua cor
grudaria até no teto
Dei um pulo da cama
Saí de meias deslizando
pelo chão
Sem chamar atenção
Avistei uma sombra peluda
no vidro da janela
Meus ossos derreteram
Jorrei água pela testa
Até não poder mais
Alguém apareceu ao meu
lado
O ar pesado e de cheiro
azedo dizia isso
Olhei pelo canto do olho
Não mexi o pescoço
Meus ossos derretidos
ainda estavam
A poça de água aos meus
pés não era brincadeira

Exagero nenhum
Meu suor fez do chão o
Mar Morto
O pior sempre me
perseguiu
Só aquilo seria pouco
Comigo tudo era louco
Fiz que não percebi a
presença daquele alguém
Deslizei de meias
novamente
Um movimento seguido de
outro
Um movimento me
seguindo solto
De novo e de novo
Na janela os pelos se
remexiam e balançavam
Mas o ar não ventava
A janela peluda era uma novidade

Gente andando pela sala
durante à noite
Coisa comum
Nem ligava
Não me incomodava
Mas a sombra peluda
Ah! me apavorava
De repente um gemido

forte ao meu lado
O azedo havia escapado
O ar doce e meigo se
encaixava
Bem ao meu lado
A sombra peluda de lugar
havia mudado
Meu bichano mais uma vez
havia me enganado
Cheguei perto da janela
Não muito
Porque o azedo pelas
frestas não havia
escapado
Virei as costas em correria
Escorreguei no chão molhado
Levantei e flutuei a mil por
hora até a minha cama
Antes de mim chegou o meu bichano
Dividimos o espaço
abraçados e deixamos o
assunto de lado.



A cartoon illustration of a young boy with bright orange hair, a wide smile, and a blue eye. He is wearing a red cape and is flying through the air, holding a red pencil. The background is a vibrant blue with white cloud-like shapes.

APRESENTAMOS O CONTO

O DIÁRIO DE DEDÊ: ONDE TUDO COMEÇOU!

Por Denise Peres Martins Rezende

Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês) e Estudante de Pedagogia.

Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.

Instagram: @educadoradeniseperesmartins

Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>



Tenho 2 irmãos: o Leonardo (Léo para os íntimos) que tem 12 anos, e a Cristina (Kiki) que tem 8 anos.

A minha casa é cheia de gente. Além dos meus pais (Rubens e Clotilde), dos meus irmãos, e de mim, há também a nossa empregada Maria Lúcia. Somos 6 no total (contando com a Maria), e eu gostaria até que fossemos em 7. Digo isso pois eu queria muito que a minha mãe tivesse mais um filho. Mas, não adianta. Ela disse que o médico já fechou a fábrica dela, e por isso ela não pode mais ter bebés. Ah, antes que eu me esqueça, há também a vovó Irene que está sempre nos visitando.

Meu maior triunfo é a “carinha” que eu tenho. Digo isso, pois eu tenho uma cara de santa, o que é muito, mas muito bom mesmo para mim. Consigo enganar todo mundo, com exceção dos meus pais; afinal, eles conhecem a filha que têm.

Como vocês puderam perceber eu sou a caçula lá de casa. Não! Por favor! Não imaginem coisas; pois isso não significa que eu tenha privilégios na minha casa. Aliás, para falar a verdade, qualquer coisa que aconteça lá em casa, qualquer mesmo, não importa o que for, eu sempre sou tida como a culpada. Por quê será, não é mesmo?

Não que eu seja uma garota má, pois eu não sou. O problema é que às vezes eu não meço as consequências dos meus atos. Fazer o quê, né? Não dá para se esperar muito de uma menina da minha idade! E é por isso que eu estou sempre me metendo em enrascadas.

Os meus pais são as pessoas que eu mais amo nesse mundo. Eles são muito bons comigo e com os meus irmãos. Nunca bateram em nenhum de nós. Na verdade, o que o meu pai mais gosta de fazer é de dar sermão. Quando qualquer um de nós faz algo errado, ele é capaz de ficar durante 2 horas nos explicando o por quê nós não devíamos ter feito aquilo. É chato e cansativo. Mas, é bem melhor que apanhar. Eles dizem que nenhuma criança merece apanhar! E eu concordo!

A minha mãe é mais boazinha que o meu pai. Ela costuma até acobertar algumas coisas que eu e os meus irmãos fazemos, o que eu acho ótimo!

O meu irmão, em compensação, é um chato. Sempre me dedura para os meus pais. Mas, no final, é só fazer uma “carinha” de anjo para eles, que ambos acabam me perdoando. Afinal, eu tenho de utilizar dos meus artifícios de vez em quando.

Meu pai costuma dizer que eu sou um pouco melodramática. Que eu poderia até me tornar atriz um dia. Tudo isso só porque eu reivindico os meus direitos como moradora daquela casa. Nada de mais, sabe?! Eu apenas sou a favor da justiça. Principalmente quando eu sou a maior beneficiária. Além disso, eu sou uma garota muito corajosa. Mas, hei de confessar, que essa minha coragem toda some quando eu estou diante de uma piscina funda, pois eu não sei nadar. Na verdade, embora eu já tenha feito várias aulas de natação, eu não consigo aprender a nadar de jeito nenhum. Eu acho até que eu tenho um tipo de bloqueio. Quem sabe eu briguei com um peixe gigante em outra vida e cansei dos mares. Minha mãe me contou que quando eu tinha uns dois anos, mesmo sem saber nadar, eu me joguei numa piscina funda, e o meu irmão pulou para me salvar. Enfim, o fato é que eu adoro quase tudo nesta vida, com as seguintes exceções: comer verduras, frutas, qualquer alimento que venha do mar, além de nadar.

A minha irmã é o oposto de mim. É correta, organizada, discreta, educada, sabe nadar, fala pouco, come pouco e pede pouco.

Já eu, para infelicidade dos meus pais, sou super barulhenta, sempre falando muito e em voz alta. Adoro me vestir com roupas coloridas, me entupir de doces, cantar, dançar, pular e gritar. Enfim, tudo o que a maioria das crianças adora fazer. Aliás, quanto à me entupir de doces, o que posso dizer é que eu amo leite condensado. Amo tanto, que ao invés de a minha mãe ser como as mães convencionais que guardam jóias no cofre, sabe o que ela guarda lá??? Leite condensado!!! Ela os tranca lá de propósito, só para evitar que eu continue devorando todas as latas de leite condensado que eu vejo na minha frente. Eu sei que é estranho, mas é verdade, viu!!!

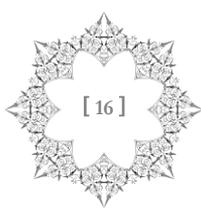
Falando na minha mãe, quando ela teve o meu irmão ela começou a passar muitas noites sem dormir, tamanha a zoeira que ele fazia. Até que chegou a minha irmã, e tudo mudou, pois, como eu já disse acima, ela não era do tipo de criança que dava trabalho.

Minha mãe passou até a acreditar que o meu irmão dava mais trabalho que a minha irmã porque ele era menino, e os meninos são sempre mais bagunceiros e comilões. Portanto, quando minha mãe ficou grávida de mim, assim que ela soube que eu seria uma menina, ela ficou super feliz e tranqüila, pois ela evitaria dois meninos bagunceiros. Todavia, ela mal sabia o que lhe aguardava! Na verdade eu valho pelos dois, multiplicados por três. Eles não podem nem sequer piscar, que eu rapidinho sumo.

Mudando de assunto, uma das coisas que eu mais gosto de fazer na vida é ir para escola. Eu sei que pode parecer estranho vindo de mim, mas essa é a pura verdade. Aliás, eu comecei a ir para escola quando eu tinha um ano e oito meses. A minha mãe conta que ela pretendia esperar mais um pouco para me colocar no colégio, mas que ela foi obrigada a me matricular, pois todo dia que ela ia arrumar a minha irmã para ela ir para a escola, eu arrancava a roupa dela e vestia em mim. Como se isso não bastasse, eu obrigava a minha mãe a me levar junto com ela e com a Kiki, e quando a minha irmã ia para sala de aula, eu ia correndo atrás dela e me sentava numa das cadeiras de sua sala. E esta acabou sendo a minha rotina por algum tempo. Graças a Deus a professora da minha irmã não se importava que eu ficasse ali num cantinho da sala assistindo a aula dela um poquinho. Na verdade acho até que essa professora devia gostar de mim. Afinal, a maioria das crianças chora no primeiro dia de aula. Inclusive, em alguns casos, a mãe tem que ir assistir a aula junto com o filho, para que ele não caia em prantos. Acho que eu nunca conheci alguém que implorasse tanto para os seus pais para que o matriculassem no colégio, como eu fiz, e ficasse lá feliz da vida, sem saudades de ninguém.

Por falar em colégio, neste momento eu estou cursando a 1ª série do 1º grau, e eu já tenho alguns amiguinhos que estudam comigo. As principais são a Roberta, a Lizandra e a Juliana. Eu as adoro, e nós estamos sempre juntas.

Por fim, agora que vocês já ficaram sabendo um poquinho do maravilhoso mundo de Dedê, espero que vocês continuem a acompanharem todas as minhas aventuras; com participação, é claro, do meu irmão, irmã, pais, vovó Irene, Maria Lúcia, amigos e amigas. Até mais! E obedeçam sempre os seus pais!





APRESENTAMOS O POEMA

FELIZ IDADE

Por Érica Nara Bombardi

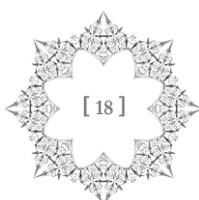
Sobre a autora: Escritora e editora. Seu livro Canto do Uirapuru recebeu o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, categoria juvenil, em 2016.

ericabombardi.wordpress.com/sobre-a-autora

A nuvem coelho abocanha a nuvem dragão.
O cachorro pequeno e branco desce a rua em disparada.
As libélulas dão rasantes em poças.
Lá no céu surge um arco de sete cores.
Por segundos, folhas secas giram no ar animadas pelo redemoinho.
As plantas balançam suas folhas verdes dizendo oi.
A borboleta cara de coruja pousa, voa, pousa, assombra.

Olha,
Olha em volta e vê.
Quem faz isso é você.

Olha,
Olha em volta e vê.
Beleza e alegria.
Se precisar,
eu lhe empresto meus olhos de menina.





APRESENTAMOS O MINICONTO

NÃO TENHA MEDO

Por Érica Nara Bombardi

Sobre a autora: Escritora e editora. Seu livro Canto do Uirapuru recebeu o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, categoria juvenil, em 2016.

ericabombardi.wordpress.com/sobre-a-autora

— **N**ão tenha medo.
Eu digo para a menina sentada a meu lado. A menina balança a cabeça em um sinal de sim. Eu sei que ela está com medo, mas eu também sei que basta um adulto dizer que está tudo bem para que a criança se acalme. Crianças colocam fé demais nos adultos. Hoje eu sei que adultos são apenas crianças grandes.

Essa menina no assento a meu lado não estava aqui antes. Ela não estava aqui antes de eu dormir. Era uma senhora, como eu, quem estava ali. Devem ter trocado de lugar. Esse, porém, não é o maior problema. O problema é a aeronave estar flutuando no oceano. Não como acontece em um pouso de emergência. Não. O avião está flutuando, como um grande barco.

Aperto o botão para chamar a aeromoça.

— Você vai contar para ela? — a menina me pergunta.

— Contar o quê?

— Eu comi seu amendoim. Desculpe.

— Não, querida. Não é isso.

— Você estava dormindo.

— Eu sei. Não se preocupe.

— Quando ela vier aqui, eu posso pedir mais amendoim?

A aeromoça chega e sorri. Ela me empurra um questionário. Uma folha simples no estilo de um teste de múltipla escolha.

Não consigo falar nada e ela se vai.

A menina a meu lado bufa.

No papel, há alguns nomes de lugares. Londres, Marrocos, Veneza, outros tantos mais.

— Em qual vai votar? Eu quero ir pra Disney.

— Não tem Disney em meu papel.

A menina me mostra a folha dela. Ela havia desenhado um quadradinho e escrito Disney na frente.

— Isso é absurdo — eu olho para fora, para a janela. Costurando a superfície do oceano, um grupo de golfinhos passa em saltos.

— Eu sempre quis ir pra Disney. Por que não posso?

A menina funga.

O avião flutua no mar obviamente aguardando o resultado da votação para seguir viagem. Deve ser uma nova moda. Meus filhos me dizem que eu sou a única pessoa na face da Terra que ainda não usa celular. Espere só até eu contar para eles que meu avião é um desses tipos moderninhos que nem eles imaginam existir.

Afago a cabeça da menina e mostro para ela meu papel. Escrevi Disney, como ela. Sorrimos.

— Somos apenas duas. Acho que nosso voto não vai adiantar muito — eu falo.

Escuto risadas. Desafivelo meu cinto e levanto do assento. À minha volta, meninas riem. Todas elas idênticas.

Enfim, o que se pode fazer? Acho que vamos pra Disney.

Quem entende o mundo de hoje?





APRESENTAMOS O POEMA

O FAZ DE CONTA

Por Geise Barreto

Sobre a autora: Natural de Coronel Fabriciano a autora Geisiane Érica Barreto reside em Belo Oriente onde é professora nas escolas municipais. A mesma cursou licenciatura em Letras na faculdade Doctum. Começou a escrever muito recentemente e a escrita para ela é uma forma de diálogo, é onde a autora pode conversar com o leitor e também consigo mesma.

Uma avalanche de sonhos
Sonhos mesmos desmedidos
Como quem tece um tecido
Todo dia aumenta um ponto
Todos pontos coloridos

Bom é sonhar acordado
Com um bom pincel ao lado
Veja as cores da aquarela
Tem azuis ,tem amarelas
Use todas ,são tão belas!

Pode até se encantar
E seu jardim, cultivar
Quem sabe ser bailarina?
Sendo ainda pequenina

E se quiser ser o herói?
Que o seu mundo reconstrói
Pode ser o que quiser
Sonhe, que sonhar não dói

Quem sabe ser um amigo
Do seu livro preferido ?
Ser poeta ou ser poema
Sem precisar ser dilema

Quem sabe ser esperança
Ser jovem e ser criança
Ser um amigo do tempo
E do choro ser acalento

Quando você retornar

E o faz de conta acabar
O brilho da sua mente
Alcançará tanta gente
Quantas mentes hão de brilhar!





APRESENTAMOS O POEMA

QUANDO AURORA NASCEU

Por Hélio Sena

Sobre o autor: Cearense, professor, contista e poeta. Publicou os livros *Falsidade da noite* (2012), *Nós & a rosa* (2016) e *Poesia da cor da vida* (2020), além de diversas participações em coletâneas.

Quando Aurora nasceu,
Quase todos falaram que ela era
Uma lagarta muito especial,
Tinha um charme todo seu.
O Grilo falou...
A Joaninha falou...
A Lagartixa falou...
E Aurora amou!

Aurora foi crescendo,
E quase todos falavam: “Serás
Uma bela borboleta,
Em algum momento!”
O Grilo falou...
A Joaninha falou...
A Lagartixa falou...
E Aurora se espantou!

“Tenho medo de voar...”,
Cochichou Aurora, e quase todos
Falaram assim para ela:
“Ora, isso vai passar!”
O Grilo falou...
A Joaninha falou...
A Lagartixa falou...
E Aurora se interessou!

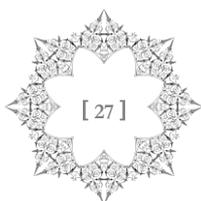
Então ela quis saber
Se virar borboleta dóia,
E quase todos falaram que isso
Só ela saberia responder.
O Grilo falou...

A Joanelha falou...
A Lagartixa falou...
E Aurora os abraçou!

Dias depois, no casulo,
Aurora estava, e quase todos
Falaram: “A transformação,
Claro, vai ser um pulo!”
O Grilo falou...
A Joanelha falou...
A Lagartixa falou...
E Aurora repousou!

E quase todos falaram...
E o Grilo ainda falou:
“Tu vais voar bem alto!”
E a Joanelha ainda falou:
“Vais enfeitar a vida!”
E a Lagartixa ainda falou:
“Vais alegrar o mundo!”
E o mundo esperou...

Quando chegou o grande dia,
Aurora bateu as asas
E voou para as flores,
Com grande alegria.
E o Grilo, e a Joanelha,
E também a Lagartixa
Falaram, em coro:
“Ela parece feita de ouro!”





APRESENTAMOS O CONTO

NO REINO DE OSTROVVO

Por Iraci José Marin

Sobre o autor: Reside em Caxias do Sul (RS), é professor estadual aposentado e advogado. Escreveu e publicou livros de ficção, bem como artigos e livros de pesquisa sobre a etnia polonesa. No prelo, um livro de histórias da Literatura Infantil e Juvenil: "Histórias de ontem".

Ema era viúva, tinha filhos pequenos e vivia pobremente. Suas habilidades e a experiência de parteira se espalharam pelo reino de Ostrosvo. Também conhecia o poder curativo de inúmeros chás, que eram remédio para doenças de pele e do estômago.

Mas para muitos ela era uma bruxa. Então os conselheiros do reino ordenaram que fosse vigiada. Até que um dia a prenderam e a levaram ao rei, que falou:

— Dizem que você é uma bruxa.

— Não é verdade, majestade. Eu só pratico o bem.

— Mas dizem que você faz magia negra e envenena as pessoas com os chás que faz.

— Não é verdade, majestade.

— Dizem também que você possui poderes mágicos.

— Não é verdade, majestade.

O rei não quis tomar nenhuma decisão e encaminhou-a para os Juízes do Reino que, após interrogá-la, decidiram pela sua prisão. Foi então levada a uma das masmorras do castelo. Tiraram toda a sua roupa para descobrir alguma marca diabólica no corpo. Mas ela tinha um corpo liso e branco como a neve e nenhuma marca.

Algum tempo depois, sua gravidez foi percebida pelos guardas que levavam pão e água. Informados, os Juízes do Reino consideraram que aquilo era bruxaria. E decidiram que ela devia ser queimada numa fogueira.

Muita gente foi ver o espetáculo. Alguns estavam penalizados, outros amedrontados.

Quando a colocaram sobre a lenha, com as mãos amarradas, Ema voltou-se para o chefe dos guardas e quis falar, mas desistiu; apenas olhou para o céu e suspirou. Neste instante, uma espécie de nuvem brilhante a encobriu e, quando a nuvem desapareceu, Ema não foi mais vista.

Todos se assustaram e muitos gritaram de pavor.

Ela foi levada por uma fada até os confins do reino de Ostrosvo, onde recebeu poderes mágicos. Ela poderia inclusive aparecer e desaparecer, como se fada fosse.

Numa noite de verão, enquanto o rei passeava com a rainha pelo jardim do castelo, Ema apareceu na frente deles. O casal real levou grande susto. A rainha começou a tremer e o rei pegou a espada.

Ema começou a falar mansamente de seu trabalho, repetindo que só praticava o bem e que tinha sido condenada injustamente. Ela reforçou a sua inocência e, para provar, ia revelar um segredo. Disse:

— O príncipe está muito doente e nem ele sabe.

— Como? O que ele tem?

— Se não for curado brevemente, ele vai morrer.

— Como podemos saber que você diz a verdade? – falou o rei.

— Você praticou uma bruxaria contra ele e agora quer ser boazinha – disse a rainha.

— Não, majestades. Eu nunca pratiquei bruxaria. Agora tenho poderes mágicos que a fada salvadora me concedeu. Por isto eu sei.

Confusos, rei e rainha hesitaram. Ema curvou-se respeitosamente e desapareceu. Então eles correram ao encontro do filho e o encontraram dormindo. Eles se convenceram de que Ema tinha mentido.

Mas o tempo passou e um dia o príncipe acordou contorcendo-se de dor. O rei e a rainha foram chamados e, vendo o filho naquele estado, ficaram desesperados. O rei disse:

— Isto foi vingança daquela bruxa que se passou por fada...

E ordenou que a procurassem por todos os cantos do reino. Mas ela não foi encontrada. Enquanto isto, o filho continuava sofrendo com as dores intensas que sentia.

Numa certa manhã, Ema entrou no quarto do príncipe e não foi vista pelo rei nem pela rainha. E falou:

— Eu posso salvar o príncipe.

Num impulso, o rei pegou a espada e levantou-a contra Ema, que não se moveu. Com a espada ainda em punho, gritou:

— Então salve logo!

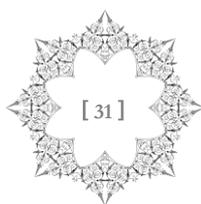
— Preciso ir até o horto colher algumas ervas e passar na cozinha para fazer um chá.

Logo retornou com o chá, que entregou para a rainha. Ela o cheirou, experimentou, achou bom e fez o filho beber.

Algum tempo depois de ter bebido o chá, o príncipe parou de se contorcer de dor e começou a sorrir.

No dia seguinte, ele se levantou, curado e disposto a acompanhar o rei, seu pai, numa cavalgada pelos campos.

Dias depois do passeio com o filho, o rei ordenou que a viúva e seus filhos vivessem no palácio real e baixou um decreto declarando Ema curandeira-mor do reino de Ostrosvo.





APRESENTAMOS O POEMA
AS TRAVESSURAS DE PITITE

Por Line Zanscala

Sobre a autora: Mulher, negra, iyalorisha, compositora, poetisa, escritora, contadora de histórias, formada pelo IFAL – Instituto Federal de Alagoas e graduanda em Letras-Literatura pelo CEDERJ-UFF, que com a sua Escrita Feminina Negra pretende compartilhar suas vivências, com uma forma mais pura da arte – a sua voz de resistência.

As travessuras de Pitite,
Venho aqui contar,
E pra saber quem é ela,
Basta comigo se aventurar...

Pitite, era assim chamada,
Por causa de um patinho,
Era frágil e mimada,
Mas, rápida como um redemoinho,

Nasceu de sete meses,
A irmã do meio, a mais levada,
Mas, não parava de chorar,
Quando a mamãe lhe penteava.

Um dia, ganhou um gatinho,
E com ele começou a brincar,
Mas, precisava arranjar um cantinho,
Para que ele pudesse ficar...

Já cansada e com soninho,
Não sabia aonde procurar,
Olhou pro armário com carinho,
Na gaveta ele iria morar...

Como dar para aquele gatinho,
Um leitinho para se alimentar,
Tinha pena do coitadinho,
Como ele iria mamar?!!

E correndo pra geladeira,

Viu o leite então,
Mas, quando subiu na cadeira,
Derramou tudo no chão!!!

O leitinho se esparramara,
Ai, meu Deus, que grande confusão!!!
Quem iria limpar aquela sujeira,
Que molhara até o seu macacão...

O gatinho nem se fala,
Todo sujo de leite então,
Saiu correndo porta à fora,
E nunca mais voltara não.

E na próxima travessura,
De um pintinho vou contar,
Foi trocado por garrafas,
Por um garrafeiro que passara por lá...

Dera o nome de Pituxico,
Amarelinho como só,
Era arteiro e impossível,
Filho de um galo carijó...

Um dia, com ele brincando,
Esqueceu a porta aberta,
Tentara correr desesperado
Machucando o pezinho na pressa...

Socorrendo-o com carinho,
O seu pintinho fora ver,
O acolhera no seu colinho,

Como se fosse um bebê!...

Enfaixara o seu pezinho,
Como era arteira!!!
O levava a Vovó Belica,
Para que fosse a sua enfermeira...

A Vovó ajudara a curar,
Aquele pintinho fanfarrão,
Agora mancando do pezinho,
Não fugiria mais não...

Com o tempo foi crescendo,
De pintinho virou galo,
Mas, Pitite não percebera,
Que Pituxico ficara bravo.

Mamãe já avisara,
Tinha muitas reclamações,
Dava carreira nas pessoas,
Criava muitas confusões...

Para evitar mais problemas,
Houve logo uma solução,
Pituxico foi pra panela,
Virando uma gostosa refeição!...

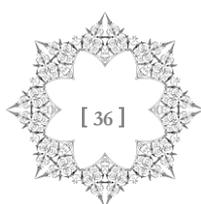
Procurara em todo lugar,
O amigo brigão,
Mas, não sabia que a mamãe o fizera,
Com batata e agrião!!!

Chorou por várias semanas,
Tadinha, que desilusão...
Mamãe ficara com pena,
Mas, não tivera jeito não.

Com o tempo, ela esqueceu,
E a mamãe dera razão,
Não podia ter em casa,
Um galo de briga não...

E assim, dia após dia,
Travessuras ela fizera,
A pasta de dente no espelho,
No banheiro da Tia Vera...

E se perguntasse à Pitite,
O porquê de tantas travessuras?!!
Ela respondera o seguinte:
“SÃO PEQUENAS AVENTURAS!!!”





APRESENTAMOS O CONTO

A FUGA

Por Gindre J

Sobre a autora: Julia Gindre é uma psicóloga de 24 anos de idade. Paulista vivendo atualmente em Londrina, se dedica a saúde pública e busca na arte uma nova forma de colorir o mundo.

Com um movimento ágil já estou na rua, um descuido basta para que ganhe a liberdade. Não é ótimo sentir o vento? Mas fico esperto, alerta, nada me escapa. Na rua procuro logo me afastar do movimento, sei exatamente onde ir, naquela casa da esquina, escondida...

Encontro rapidamente meus amigos, Neve e Pudim brincando na porta de casa, me aproximo devagar, não quero assustá-los. Logo estamos rolando pela rua, aproveitando essa breve liberdade furtada.

Ah, mas eu não vim para isso, a rua, os carros, os amigos, tudo isso é tão brilhante e encantador. No entanto tem mais, a única coisa que me tira da confortável rotina, ela. Um som a atrai rapidamente, logo ela vem ao meu encontro sempre sorrindo, sempre de braços abertos.

Sei que temos pouco tempo, pulo logo no sofá, seu colo, seu abraço, fazem valer a pena a fuga e a bronca que já sei que vem a seguir. Sua voz é doce e gentil, ela prontamente prepara a casa com tudo o que eu gosto, antevendo minha chegada.

Me aninho em seus braços, que momento perfeito, seu cheiro de biscoito, seus cabelos grisalhos. Mas mal posso aproveitar, logo o celular toca, já sei que fui descoberto, corro para o portão, melhor me entregar logo e aceitar o destino.

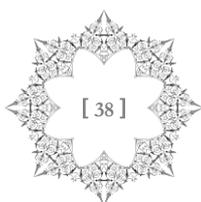
Em um minuto minha família chega à casa de Beatriz, minha humana parece irritada e cansada como da última vez.

— De novo isso Floquinho! É a terceira vez essa semana que você foge para a casa da dona Beatriz, a gente não aguenta mais correr atrás de você!

Ela me pega no colo, seu abraço é tão familiar! Mas por que não posso ter mais de uma casa? Mais de uma família?

— Fica tranquila Ana, os gatos são assim mesmo

Responde Beatriz com seu sorriso enrugado. Vejo seu rosto se afastar lentamente, quase triste em meio aos meus mais sentidos miaus. Eu sei que ela não entende, mas estou dizendo até amanhã Beatriz, até amanhã.





APRESENTAMOS O POEMA

RECOMEÇO

Por Liah Pego

Sobre a autora: 56 anos, casada, tenho 3 filhos, pedagoga, pós graduada em Gestão, escritora e atuei no ensino público por mais de 30 anos. Sou aposentada. Já publiquei minha primeira obra, de literatura infantil, "Babys e o Lobo" que faz parte de uma coleção, "As Babys Aventureiras", composta de 6 contos porém, só uma publicada e no momento, estou aventurando em vários escritos de diferentes gêneros e desde que comecei, minhas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.

Foi assim que começou
Todo o mundo alertava
Para um vírus que sorrateiro chegava

Ficar preso em casa
Era essa a recomendação
Usar álcool em gel e mascarar,
Nada de aperto de mão

Manter o distanciamento social, passou a ser
Sinônimo de amor e carinho
Visitar vovô e vovó
Ficou interditado o caminho

A saudade aperta tanto o peito
Que quase explode
O jeito é a vacinação
Com esperança na imunização

As escolas estão fechadas
As redes sociais e a imprensa já diziam
Quarentena é necessário
Estamos vivendo uma pandemia

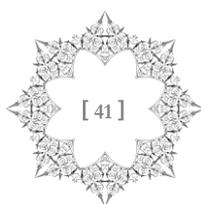
Que saudades da professora
E dos colegas também
Correr e brincar de pega- pega no recreio
Eita coisa boa
Parecíamos carro desgovernado
Sem freio

Sei que tudo vai passar

Tempos novos estão por vir
Um novo futuro vamos construir e,
Podemos de novo sonhar
Fica aqui os meus pêsames
Para aqueles que perderam seus entes queridos
Que infelizmente, não vão mais voltar

Ainda que lenta, a vacina
É a melhor alternativa
Para criar uma barreira
Entre o vírus e a vida

Poderemos então abraçar
Expressar carinho e amor
Deixar o corpo e a alma falar
Da dor que a ausência sufocou.





APRESENTAMOS O CORDEL
FADAS CONTEMPORÂNEAS

Por Mirian Menezes de Oliveira

Sobre a autora: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras, da A.C.I.M.A – Itália, além de membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.

Era uma vez, uma fada,
cujo nome era Belinha...
Aparência de garota...
muito apegada à avozinha.
A vovó, mulher querida,
era uma fada madrinha!

Toda tarde, após a escola,
terminadas as lições,
as doces fadas se uniam,
no encontro de gerações.
Brincavam pelos jardins,
cumprindo suas tradições.

Quem olhava não dizia,
que as duas eram mesmo fadas.
Eram gente como a gente,
sem varinhas encantadas.
Trajavam roupas comuns...
Estavam sempre abraçadas!

Dizem que as fadas disfarçam
e são sempre bem discretas!
Não aparecem pra ninguém,
de maneira assim concreta.
Será que eram mesmo fadas?
Co' identidades secretas?

Fada avó/ fada menina...
eram almas enlaçadas!
Quando a Terra ficou doente,
ficaram apavoradas.
"Vovó, o que vamos fazer?"

Ficaremos distanciadas?"

Fada madrinha pensou:

"Como é triste a pandemia!"

Viajar não estava nos planos.

Missão na Terra: ALEGRIA.

Virou-se, então, pra Belinha,
pensando no que faria.

— Vamos fazer o seguinte...

Ouçã o que vou lhe dizer!

Somos fadas bem humanas.

Muito queremos viver!

Leve, consigo, este Anel:

portal pra gente se ver.

— Oh Vovó, entendi tudinho!

Vamos ao próximo passo!

Com você, deixo a varinha,
enfeitada com um laço.

Você não estará sozinha.

Sinta sempre meu abraço!

Fada avó/ fada menina,

na Arte de se reinventar,

encontraram mil maneiras

para a distância driblar.

Esperaram, com AMOR,

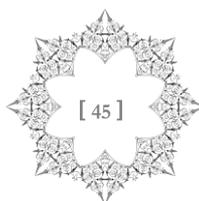
aquilo tudo passar.

Mas... E o "Felizes pra sempre"?

Isso não é o fim principal?

Reinventar é um dos caminhos!

Investir no que é legal!
A VIDA é grande tesouro!
Nada é tão sensacional!





APRESENTAMOS O CONTO

A INFÂNCIA...

Por Mónica Palacios

Sobre a autora: É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais! pela Soul Editora.

E-mail: monica@monicapalacios.com.br

Me pergunto, se é ou deveria ser uma etapa que represente os alicerces de um futuro adulto equilibrado, por que a rodear de tanta dor? Tantas e tantas regras, disposições internacionais, nacionais e de enferrujadas cabeças.... Parecem esquecer que o amor molde-a, esculpe e lapida, mas que outros métodos repressivos e violentos.

Isto sempre argumenta a meu avô, porque parece que vamos a receber a uma menina imigrante da Síria. A família está muito ansiosa, só fazendo planos em base a conjeturas e as horas nas horas parecem de 300 minutos. Esta querida avô Melchora, sempre foi a minha deusa, confidente e ponto de referência de amor, para o belo e o artisticamente valioso.

Agora, vamos ter a oportunidade de receber na nossa casa a uma das organizadoras e até mentora das associações para acolher os imigrantes. É fundamental receber a sua orientação embora, insisto, os caminhos da solidariedade, amor, respeito são universais.

Fiquei perplexa, chegou a Oriana, com um belo sorriso, agradeceu nossa abertura e não parou de compartilhar fortíssimas e desgarradoras histórias de tantas outras crianças imigrantes que estão tentando acomodar em outros lares.

A conversa com ela foi muito importante e ficou combinado que ao dia seguinte voltaria com a menina. Sentimos que não era para fazer mais perguntas.

As horas se passaram e o a manhã tão esperada surgiu com um toque de sino... cachorros alvoroçados, os periquitos revoavam na gaiola assustados, e nos correndo ao portão.

Me desculpam, preciso umas horas de aspirar o melhor ar para continuar e reproduzir o vivido, só preparar a alma.

O silêncio mais barulhento que vivi até hoje. Comovi-o até as lágrimas porque fiz uma regressão de quanto recebeu de amor e alegrias para, embora cercada de violência, poder guardar no seu coração um sentimento maternal de tanta proteção.

Ela tem só 4 anos, seu nome é Aisha, significa vida e a boneca que tanto cuida é Jamile que significa bonita. Suas abayas, pareciam surradas, até adaptadas a esses frágeis corpos

Depois de fingir que nada estava acontecendo, compartilhar uma mesa farta com as suas comidas típicas (Esfíhas, falafel, kibes, tabule e até o harrissa, bolo predileto das crianças) como faz tempo não vivia, e até músicas infantis de sua terra. Ela relaxou a sua testa e com um gesto de aqueles que as psicólogas chamam de *atos falidos* acariciava uma das flores que decoravam a mesa, acariciava a cabeça de Jasmine... e falava lhe palavras que soavam como *aja Bibi, aiumi*, tudo baixo nosso aparente olhar distraído para não a intimidar.

Sugerimos caminhar um pouco, chegar na vera do rio e nos molhar o rosto, jogar gotículas uns aos outros e, de pronto, ela começou a girar, girar, girar.

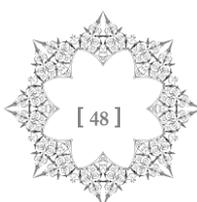
Jamais senti o meu corpo e minha alma em tal estado de rigidez, surpresa e emoção.

Quando ela parou nos olhou e pronuncio “لباقة, مصدر سعادة, هناء, سعادة, هجة” até o momento indecifrável para a gente, tentamos repetir os sons لباقة, مصدر سعادة, هناء, سعادة, هجة, ela sorriu por primeira vez!

Imaginamos que o próximo passo poderia ser abraçarmos, fazer uma roda sabendo da força milenar dessas danças e chegando a ela muito devagar até conseguir sentir o seu coração latir aceleradamente. De ali... ao primeiro beijo e um sorriso que jamais olvidarei, foi questão de minutos.

Aisha incluiu Jamile nos rituais e acalentou um momento especial na sua alma para gritar aquela felicidade e até conseguir escutar, de muito longe...

A m y n.





APRESENTAMOS O CONTO

EU ESTOU!

Por Mónica Palacios

Sobre a autora: É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais! pela Soul Editora.

E-mail: monica@monicapalacios.com.br

Quase acrescento muitos signos de exclamação e lembrei que não posso. Já o tinha aprendido, escutado e até fui corregida, mas...

Acontece que sendo uma leonina, as emoções são muito, muito intensas, uma viageira incansável, que alimenta sua alma com novas culturas e renova seu oxigênio com aqueles encontros deliciosos de amigas. Só em um papel, até as palavras escapam, elas também voam, não é uma fotografia fácil de reproduzir.

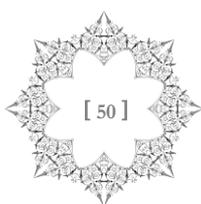
Me imagino como uma parede branca onde sempre é possível um ponto colorido, um rabisco indecifrável, uma flor que nos sorri e, beijos infinitos, uma poesia nunca olvidada, um lembrete para o electricista, aquele chapéu que reverencia a cada visita, o sinal de um dedo lambuçado de chocolate, enfim...

Agora podem entender que **eu estou?** Sim, estou viva, estou cheia de ilusões, estou música, estou desejo de mais tempos e momentos felizes.

Certas dores que insistem em aparecer as intento abafar com um olhar ao céu ou uma brincadeira com os netos.

Claro, não posso deixar espaço à tristeza, a certas saudades, a vida corre e necessito sentir que aquele arco íris, precisamente na cor amarela, é o único ponto de segurança para não cair no vazio... a vida é apaixonante...

Cecilia Meireles já diz algo semelhante: "Só tenho tempo para ser feliz".





APRESENTAMOS O CONTO

O PINHEIRO, A MINHOCA, O PARDAL E O CAMUNDONGO

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Beirando a floresta, no alto de um morro, havia um pinheiro entre centenas de outros. De tão alto, vista do chão, sua ponta parecia tocar as nuvens. Vivia a sua vida extensa e estática de pinheiro. A incontáveis verões presenciara em sua rígida dignidade.

Aos pés da árvore, por assim dizer, em meio às pedras e aos musgos, acomodara-se sua amiga, a minhoca. Ela era minúscula em comparação ao pinheiro.

Todos achavam esquisito aquela amizade.

A minhoca adorava contar suas histórias de aventuras acima ou debaixo da terra.

O pinheiro, sem poder ir a parte alguma, apreciava os relatos como se ele próprio os tivesse vivido.

Agora, ambos punham-se a observar uma área adiante onde havia alguns rochedos.

No topo de um deles, via-se mamãe camundongo e seus filhotes.

Mais acima, estava mamãe pardal, também acompanhada de sua prole.

Cada uma pretendia dar aulas às suas crias. Ali era uma espécie de escola e ambas as mães orientariam seus filhos da melhor forma a voar e a saltar a fim de enfrentarem as adversidades da vida.

A minhoca espiava num misto de admiração e temor. Precisava se cuidar, afinal, tanto pardais quanto camundongos consideravam sua espécie um suculento petisco.

— São tão grandes... — murmurou.

— O quê? Fale mais alto — pediu o pinheiro.

— Eles, pardais e camundongos, são enormes — falou sem disfarçar a inveja. — Eu sou tão minúscula e frágil. Sequer patas para me defender ou asas para fugir possuo.

— Decerto, você tem as suas qualidades.

— Quais? Eu gostaria de saber...

— A montanha subestima a água? A chuva e os rios podem parti-la, cavar canais, transformá-la em rochas, pedras, seixos e areia.

— Eu não consigo isso.

— Você tem o seu despertar cada dia num local diferente.

— E daí?

— Nem imagina o quão valioso é esse dom.

Mamãe pardal, nervosa, falou:

— É assim que se batem as asas!

E bateu as suas para demonstrar, fazendo um vento que levantou poeira e agitou os penachos das crianças, mas não tão forte que a erguesse do chão.

— Controlem a direção com o corpo e a cauda, entenderam?

— Entendemos! — responderam os dois filhotes.

Porém, só ela sabia o quanto estava aflita. Era um passo crucial no desenvolvimento deles. Sem isso, não sobreviveriam. Todavia, também representava o primeiro passo para que, um dia, fossem embora, longe de seu carinho e da proteção de suas asas. Suspirou pensando na própria mãe e, casualmente, olhou para um rochedo mais abaixo.

Nessa rocha, estava mamãe camundongo com seus três pimpolhozinhos. Ela se encontrava igualmente atarefada e preocupada. Ensinava seus dois filhos e uma filha a saltarem de uma pedra para outra, não somente para se movimentarem de forma ágil atrás de comida, mas para fugirem dos predadores como as águias e os gatos do mato.

— Eles são terríveis! Por isso, fiquem atentos, tanto os ouvidos quanto a visão e o faro. Águias e gatos são muito espertos, rápidos e furtivos. Quanto a gente menos espera... GRRRAAAUUU! Já era.

Viu-os estremecer. Sentia pena em fazer medo neles, porém, medo era essencial à sobrevivência. Um camundongo sem medo era um camundongo distraído, e, distraído, não viveria muito tempo para contar sua história.

— Usem bem a força das patas traseiras, são as mais fortes. Não façam força demais para não cair do outro lado da pedra, nem força de menos para despencar no vão entre elas.

Mamãe pardal observou como a mamãe camundongo foi a primeira a pular para demonstrar e, tendo bastante prática, cair direitinho na outra pedra. Depois, retornou. Virou-se e animou suas crias a fazer o mesmo.

— Venham!

Os dois primeiros filhotes, embora desajeitados, conseguiram, mas a filha, mais fraca aterrisou na borda da pedra e acabou caindo no vão. Antes que os meninos pudessem rir, mamãe camundongo fechou a cara para eles e falou:

— Vão ajudá-la, depressa! Tragam-na aqui.

Assim que trouxeram, ela acrescentou:

— Nunca deixem um irmão ou companheiro para trás. Devem ser unidos, trocar experiências, ajudar uns aos outros. — Fitou a filha, tocando-lhe bondosamente uma das orelhas. — Melhor que errem aqui e aprendam com seus erros. Entenderam?

— Entendemos! — gritaram os três e correram para a mãe quando esta, sentada nas patas traseiras, abriu as dianteiras.

Deram um abraço caloroso.

Os irmãos animaram a irmã e trocaram dicas.

Mamãe camundongo percebeu o olhar de mamãe pardal, sorriu e acenou para ela.

Mamãe pardal suspirou. Sem ter como acenar, dada a rigidez de suas asas, nem como sorrir por causa do bico, limitou-se a balançar a cabeça. Então, foi sua vez de ver seus filhos emplumados tentarem alçar voo pela primeira vez.

— Vamos, crianças, agitem as asas para se aquecerem.

Os dois obedeceram.

— Vejam como eu faço.

Os pequenos pardais, assim como mamãe camundongo e os filhotes desta observaram.

Mamãe pardal deu um pulo do alto do rochedo e, imediatamente, agitou vigorosamente as asas. Fez uma curva, ganhou altitude e, num elegante arco, desceu e pousou graciosamente na pedra.

Os filhotes pardais, nervosos, deram vivas e pularam de alegria.

Mamãe camundongo e seus três filhos bateram palmas, admirados.

Levemente ruborizada, mamãe Pardal disse:

— Agora, é a vez de vocês. Lembrem-se: se baterem as asas depressa demais, subirão; de menos, cairão. Portanto, é melhor demais do que de menos, mas, procurem controlar isso e ver aonde irão. Não se esqueçam da direção, pois não conseguimos parar no ar feito os colibris.

O primeiro filhote, com medo de cair, não parou de bater as asas. Subiu desajeitado, em zigue-zague, pois balançava sua cauda de um lado para o outro. Aos poucos, porém, ganhou confiança e fez um círculo torto no céu. Ao retornar, não freou a tempo e rolou feito uma bolinha de penas.

Já o segundo pimpolho, no início, bateu as asas de menos e caiu como se fosse se esborrachar no chão. Agitou as asas mais forte e, da forma que subiu de repente. Refeito do susto, pousou melhor do que o seu irmão.

Contentes, os dois filhotes correram para debaixo das asas da mãe e deram batidinhas nos bicos uns dos outros, tagarelando sem parar.

Mamãe camundongo suspirou, vendo-os lá no alto, com o céu azul e as nuvens brancas mais ao fundo.

Os treinos recomeçaram e assim se repetiram diversas vezes.

O pinheiro chamou a atenção da minhoca.

— Viu como a mamãe camundongo observou a mamãe pardal com admiração?

— É claro. Ela imaginou como deve ser maravilhoso voar até o céu.

— Mas terá você também percebido algo mais?

— Percebido o quê, pinheiro?

— Ora, o olhar de inveja da mamãe pardal para a mamãe camundongo.

— A pardal com inveja da camundonga? Por que teria?

— Ora, minhoca, é simples. Os pássaros foram agraciados com a capacidade de tocar as nuvens, mas tiveram que abrir mão do poder de abraçar seus filhos. As carícias que mamãe camundongo faz em seus camundonguinhos, o modo como os beija, aperta as bochechas e os agarra, mamãe pardal não consegue fazer. Suas penas e bico são duros demais. Invejam-se sem necessidade. Devemos nos alegrar com aquilo que nos foi agraciado ser.

— Sou só uma minhoca gosmenta.

O pinheiro sorriu.

— As formigas falam de você com admiração e inveja.

— De mim? — falou, incrédula.

— Sim, minhoca. Para elas, você é uma gigante. Elas me disseram. E autossuficiente. Você não precisa trabalhar até a exaustão, dia após dia, atrás de comida, pois alimenta-se de terra. Terra tem de montão. Além disso, pode ficar aqui, apreciando a paisagem como eu. Elas vivem na labuta e têm que ouvir sempre as matraquices de suas irmãs.

A minhoca ficou pensativa, nunca se vira sob essa perspectiva.

— Sou gigante...

— Grande, médio, pequeno ou menor ainda. Pelos, penas, escamas, espinhos ou casco. Patas, asas, nadadeiras ou sem membro. Ágil, lerdo ou imóvel. Todos nós temos o nosso valor e o nosso propósito.

— "Propósito"? Quem determinou esse propósito?

— Cada um atribui um determinado nome, porém, ninguém nunca viu. Apenas sentimos a presença em tudo o que existe, fazemos, dentro de nós. Eu chamo simplesmente de Vontade. E acredito que a vontade da Vontade é que sejamos feliz do jeito que somos.

A minhoca mirou mais além e viu os contornos regulares, cinzentos e sujos ao longe. Sentiu calafrio.

— E quanto aos homens?

A árvore não respondeu de imediato. Então, falou:

— Os humanos são um mistério. De todas as criaturas, foram as mais privilegiadas e, todavia, são as mais descontentes e as que mais reclamam. Sem ter asas, são capazes de voar, mas ignoram a beleza do céu. Sem serem rápidos, percorrem velozmente longas distâncias por céu, terra, mar até debaixo d'água, porém, são incapazes de admirar a beleza de cada recanto. Não encontram a paz em lugar algum.

— Por que, pinheiro?

— Por que a paz não é um lugar, mas um estado de espírito dentro de nós. Eles derrubam minhas irmãs para construir seus berços, suas casas e seus caixões. Escravizam os animais, matam-nos pelo alimento, mas também por diversão. Vivem como se fossem perdurar para sempre. E morrem como se não tivessem existido. São um terrível enigma e não há Vontade que me faça compreendê-los.

— Seus ninhos estão aumentando, chegando mais perto — disse a minhoca.

— Eu sei — respondeu o pinheiro, pensativo, a fitar a cidade, pois vivera mais do que qualquer minhoca, pardal ou camundongo. — Por isso, sejamos felizes agora, conforme somos e conforme a Vontade. Ao menos, vocês podem se enfiar na terra, correr ou voar. Terei que ficar aqui, aguardando por eles. Ah, vá lá, minhoca, conte-me uma história!

A minhoca fitou o pinheiro de alto a baixo.

Agora, não foi a si própria que imaginou tão frágil assim.

Pensou e pensou a fim de encontrar uma história com um final feliz.





APRESENTAMOS O CONTO
MEMÓRIA DE CORUJA

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios, além de publicar obras sobre Marketing e Estratégia. Colabora habitualmente em Coletâneas de várias editoras. Lançou em 2020 a antologia onírica "Sonhos Fulgurantes" na Amazon. Link dessa obra:

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

Lançou o romance/drama Duas Irmãs em 2021. Escreve habitualmente para diversas coletâneas. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília.

Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Redes Sociais:

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033>

**<https://www.instagram.com/robertominadeo>
[researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)**

Na estação Largo do Machado do metrô carioca ocorreu o primeiro episódio: Stefan se viu tonto, ficou claro que iria cair. Trêmulo de medo, foi salvo pelo instinto de preservação, que o fez afastar-se da área de embarque e ficar o mais próximo possível da parede. Foi a sua última recordação. Acordou em um pronto socorro. Ao recobrar a consciência, pediu o celular e chamou seus pais. Descobriu a causa: labirintite. Não entendeu muito as explicações, mas ficou claro que seu problema era crônico, que teria crises frequentes e que era uma daquelas doenças terríveis sem cura.

Nascido e criado no Rio de Janeiro, morava na Rua do Catete, próximo à estação de metrô na qual descobrira sua doença. Estudava em um dos inúmeros colégios da Rua das Laranjeiras, ao qual ia a pé. No dia de seu primeiro ataque, após ter almoçado, iria ao curso de inglês em Copacabana.

Durante o ensino médio, não foi difícil para ele absorver essa notícia. Um remédio para tais achaques envolvia a atividade física moderada, como fazer uma breve caminhada. Teve que deixar de andar de bicicleta e de fazer esportes como voleibol ou jogar futebol como antes: sempre se destacara como lateral direito; costumava avançar e cruzar ou chutar a gol. Nos jogos do colégio, era disputado e dos primeiros a ser escolhido. O médico permitiu que jogasse como goleiro, porém apenas de vez em quando.

A natureza não exercia especial fascínio sobre ele, preso que era à vida da megalópole. Árvores ou animais tinham espaço apenas nas aulas de biologia. Todavia, nunca se esqueceu de quando viu pela primeira vez uma coruja-buraqueira, uma encantadora e marcante ave do cerrado e que se distingue pelos olhos amarelos e por fazer sua toca em buracos no chão.

No mesmo ano em que descobriu sua doença, acompanhou seus pais em uma visita a familiares em Brasília, ficando no Lago Sul em uma casa maravilhosa, especialmente para quem sempre residira em um apartamento. Destacavam-se as árvores em um quintal enorme e uma piscina que não era dividida com estranhos – como a de seu prédio. Além disso, a imensa casa era térrea, dispensando a necessidade de escadas ou do elevador. O verão de início de dezembro era amenizado pelas chuvas do final da tarde. Stefan se via feliz da vida, em meio a tantos primos distantes, dos quais jamais havia tido notícia anteriormente e que o acolheram da melhor forma possível.

Outra fonte de novidades para ele era a própria cidade, pois jamais a visitara. Tudo que ouvira sobre a capital do país ou conhecera pelas reportagens da TV ruía ante os seus

olhos – em especial extasiados pelos espaços amplos, pela simetria das construções e superquadras, e pela beleza das construções do Eixo Monumental.

Foi jogar futebol com os seus primos no Clube Olímpico, em frente às redondas torres gêmeas da Procuradoria Geral da República. Ali, do lado de fora do alambrado, reinava ela, uma jovem coruja, orgulhosa ao cuidar de seus dois filhotes. Maravilhado com a descoberta, Stefan apreciou o espetáculo, chateado de não poder se aproximar nem fotografar, pois não quis assustá-los. Foi tirado de sua distração por um de seus primos que o levou ao campo para encarar coisas mais prosaicas, como jogar bola, agora tendo que ficar no gol.

Ao final da partida, um desconhecido, chateado por ter perdido, se aproximou do ninho, com evidente má intenção: estava com as mãos em concha, carregadas de areia. Se as aves estivessem descansando no ninho, havia o risco de que fossem soterradas vivas. Stefan não precisou ser um herói, apenas se aproximou, aparentou indiferença e indagou o que era aquele buraco.

O estranho, com a segurança de ter encontrado um aliado, contou que havia uma coruja por ali, com dois filhotes. As palavras se fizeram desnecessárias: um brilho tétrico no olhar deu a entender o que pretendia fazer. Olhando para a direção oposta, como que consentindo no que se planejava, Stefan se aproximou dele, fingiu tropeçar, o derrubou ao chão e espalhou a areia que seria utilizada para matar as corujas.

Chegaram rapidamente outros jogadores, fazendo suficiente estrépito para que a coruja e seus filhotes, guiados por sua ótima audição, alçassem voo dali. Seus primos defenderam Stefan, não houve briga alguma e tudo acabou por isso mesmo.

Cerca de cinco anos depois, em agosto de 2019, Stefan, já formado em Direito pela UFRJ, se encontrava novamente na capital do País, desta vez sozinho, para prestar um concurso público – após o que teria alguns dias livres para descansar e rever os parentes.

Até o concurso ficou “concentrado”, como dizia aos pais, em um hotel no início da Asa Sul. Depois, começou uma amável disputa entre os seus tios e primos para ver quem o hospedaria e levaria para conhecer a cidade. Combinou-se um esquema de rodízio. Novamente, Stefan se surpreendeu da quantidade de atenções de que foi alvo. Não teve dúvida em assumir que o seu mais íntimo desejo passou a ser a aprovação no concurso, que o faria trocar a Cidade Maravilhosa por Brasília.

Em um sábado, saiu de visita a uma fazenda em Corumbá de Goiás que pertencia a uns amigos de seus primos. A distância de cerca de cem quilômetros transcorreu

alegremente, todos cantaram a plenos pulmões, apesar de estarem desafinados na maior parte das vezes.

Chegados à fazenda, os primos fizeram um passeio de bicicleta – algo que a labirintite impedia Stefan, que decidiu fazer uma caminhada. Tomou a direção oposta à do asfalto, em meio a uma paisagem jamais vista por ele: o cerrado de verdade, com sua vegetação típica.

A seca o assustou; era por ele conhecida sob o aspecto abstrato: o centro do país ostentava essa fama. Todavia, entre conhecer teoricamente que a falta de umidade existe e sofrê-la em cada centímetro quadrado da pele há uma diferença notável – ainda mais em meio a uma atividade física.

Não trouxera água por desconhecer a necessidade de se hidratar mesmo no que julgava que seria uma breve caminhada. Em pouco tempo, sentiu-se como um “bife à milanesa”, tostado pelo calor do sol, e atraindo a poeira do cerrado em seu corpo devido ao suor que emitia.

Stefan avançou, e ingressou em um trecho íngreme da pequena estrada. Após subir, cansado, ele parou para apreciar a vista que lhe estivera oculta até então. Novamente, sentiu e apreciou vivamente o apelo da natureza, na forma de inúmeros tons de verde e dos primeiros ipês amarelos que floresciam. Jamais se esqueceria desses momentos em que sua paixão pelo cerrado e pelas flores multicoloridas.

Nesse momento, sentiu os primeiros latidos. Nem se preocupou, pensando que seriam cães das propriedades próximas, e que ele poderia continuar em segurança por imaginar que os animais estariam cercados com arame farpado.

Começou a descer, com o que se afastou ainda mais do ponto de partida. Os latidos se fizeram mais fortes. A incipiente paixão de Stefan pela natureza ameaçou ruir perigosamente, pois em um curto minuto já estava rodeado por cinco pitbulls. Mediante os rosnados e toda a agressividade da postura, apresentavam a habitual hostilidade da raça, ante a qual se viu impotente.

Não havia tempo para reagir, e se conseguisse afastar uma ou duas das feras, ainda haveria atacantes em número suficiente para fazer nele um considerável estrago. Transido de medo, ficou paralisado, ciente de que qualquer gesto de sua parte seria catastrófico. Correr seria uma forma de atraí-los ainda mais. O medo já começava a fazer efeito, na forma do início de uma onda de labirintite; em pouco tempo perderia o seu equilíbrio e iria ao chão, o que facilitaria a vida dos atacantes.

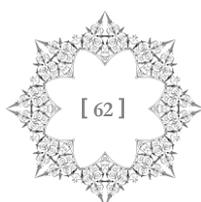
Os cães pareciam treinados, fecharam o cerco. Já estavam próximos e haviam ativado o olfato, sentindo um succulento almoço. Incrível, Stefan sentiu que havia sido farejado de alto abaixo pelas feras. Detestou o resultado do exame: carne de primeira, aprovada para o consumo, festim à vista.

Ele ainda conseguiu um pensamento divertido: seria muito bom ter amigos como aqueles. Gostaria imensamente de poder enfrentar quaisquer dificuldades na fiel companhia de dentes tão afiados. Sua última ação consciente foi a de consultar o relógio: eram onze e treze da manhã.

Uma pequena multidão de aves se aproximou. Stefan, já desesperançado, nem prestou atenção a elas, nem as identificou, afinal encontrava-se zozzo, prestes a cair e já se vendo devorado pelos animis. Nesse ínterim, as aves começaram a atacar as bestas, utilizando sua consumada maestria: faziam mergulhos e procuravam atingir os olhos dos cachorros. O furibundo ataque se deu à proporção de três a quatro aves por pitbull – que não tiveram outra opção senão fugir, comemorando o fato de não terem sofrido nenhum ferimento.

Após os pitbulls terem deixado Stefan em paz, o bando de aves se foi. Apenas então, já livre do risco de uma crise de labirintite, foi possível perceber que havia sido salvo por um belíssimo bando de corujas-buraqueiras. A líder das corujas ficou sozinha e o saudou, piscando os olhos de forma especialmente manhosa. Voou mostrando a característica especial da raça: girar a cabeça em cento e oitenta graus. Apesar de julgar impossível ter sido reconhecido, Stefan não duvidou sequer por um segundo que se tratava da mesma coruja por ele salva alguns anos antes.

Tinha a certeza de que ninguém acreditaria em seu relato – embora isso em nada o preocupava. Ao longo dos meses seguintes, Stefan teve outra surpresa: jamais voltou a sofrer de ataques de labirintite.





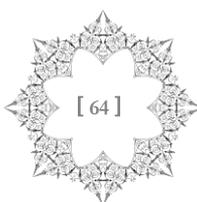
APRESENTAMOS O POEMA

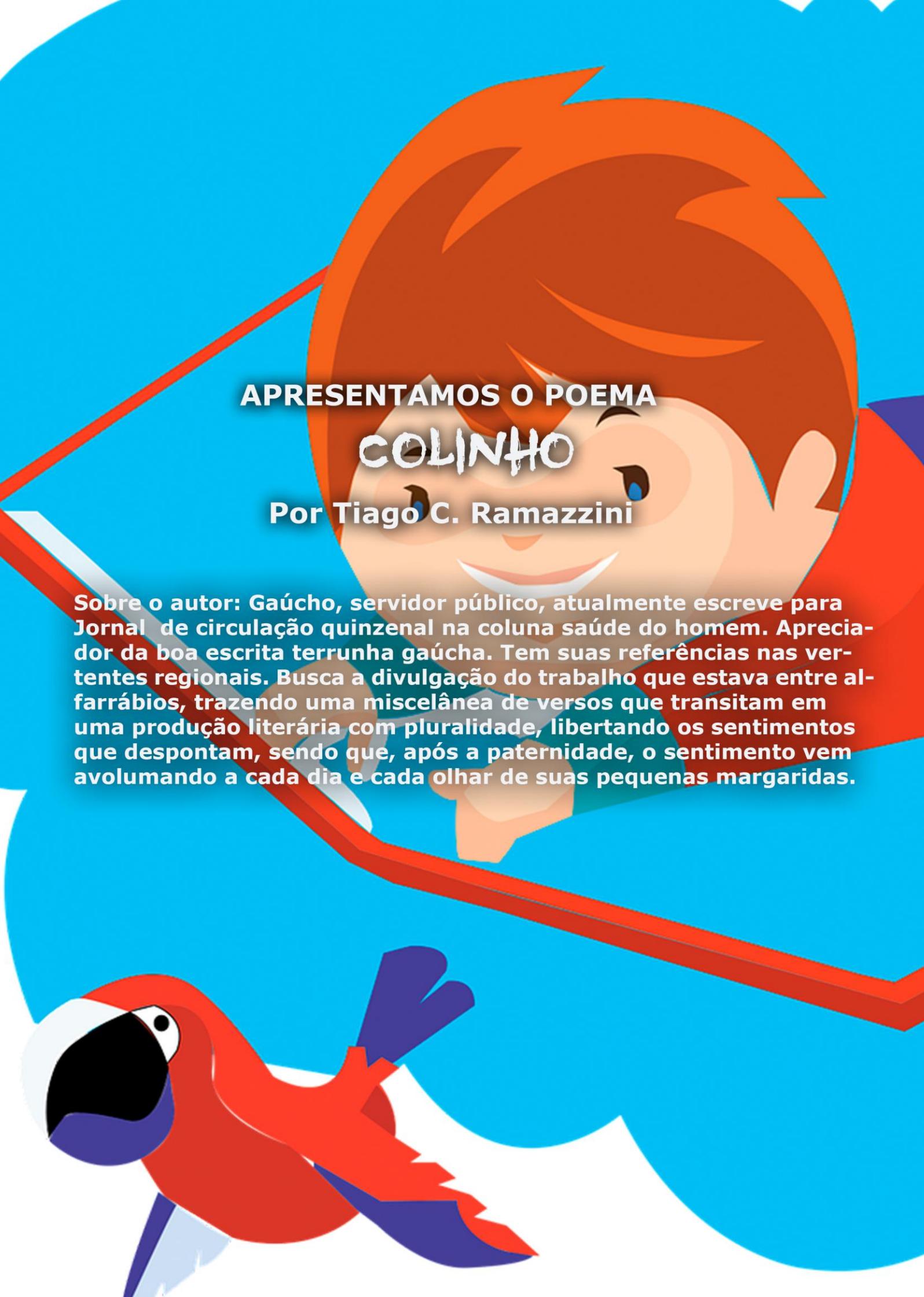
BOLINHO

Por Tiago C. Ramazzini

Sobre o autor: Gaúcho, servidor público, atualmente escreve para Jornal de circulação quinzenal na coluna saúde do homem. Apreciador da boa escrita terrunha gaúcha. Tem suas referências nas vertentes regionais. Busca a divulgação do trabalho que estava entre alfarrábios, trazendo uma miscelânea de versos que transitam em uma produção literária com pluralidade, libertando os sentimentos que despontam, sendo que, após a paternidade, o sentimento vem avolumando a cada dia e cada olhar de suas pequenas margaridas.

Mamãe calma me ensinou,
Como fazer um bolinho,
Redondo, bem pequeninho,
Papai muito adorou,
Mel e farinha levou,
Dois ovos também canela,
Água morna na tigela,
Fogo, não é à vontade,
Lindo bolo de verdade,
Soube fazer igual a ela.



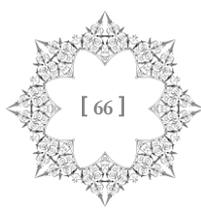


APRESENTAMOS O POEMA
COLINHO

Por Tiago C. Ramazzini

Sobre o autor: Gaúcho, servidor público, atualmente escreve para Jornal de circulação quinzenal na coluna saúde do homem. Apreciador da boa escrita terrunha gaúcha. Tem suas referências nas vertentes regionais. Busca a divulgação do trabalho que estava entre alfarrábios, trazendo uma miscelânea de versos que transitam em uma produção literária com pluralidade, libertando os sentimentos que despontam, sendo que, após a paternidade, o sentimento vem avolumando a cada dia e cada olhar de suas pequenas margaridas.

Que bom ganhar um colinho,
De mamãe e também papai,
Pela longa noite vai,
Acolhida com carinho,
Seio materno quentinho,
O paterno acolhedor,
Cura cólicas e dor,
Medo de barulho e escuro,
Afeto, amplia o futuro,
Colo nutre com amor.





APRESENTAMOS O POEMA
NOITE MISTERIOSA
Por Isabella Ayumi Alcantara

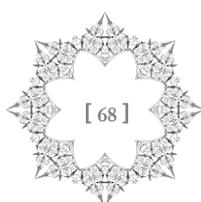
Sobre a autora: Estudante do Marista Escola Social Ecológica. Ela tem doze anos. É uma aluna aplicada e caprichosa. Nas horas vagas gosta de ouvir música e assistir séries.

Em uma noite misteriosa
Tudo estava em silencio
Para uma pessoa gloriosa.

É o início...
Do chá da meia noite
Pomposo e intrínseco.

E no escuro
O cavaleiro da noite surge
Com um ar obscuro.

Seu nome não é proferido.
Ele vaga à noite aborrecido.
Com algo desconhecido.





APRESENTAMOS O POEMA

A AMIZADE

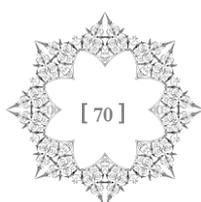
Por Laura Cristina Wicki Lorena

Sobre a autora: Tem doze anos. Ela tem uma irmã de 20 anos. Adora ler e ficar com a sobrinha nos finais de semana. É uma menina muito estudiosa e dedicada. O seu filme favorito é A culpa é das Estrelas.

Tem vários tipos de amizades
E vários tipos de amigos.
Tem aquele que é descolado,
E aquele que fica escondido!

Tem amigo Alegre
Que ri de tudo.
O piadista, o sério.
E aquele que ama todo mundo!

Mas o que aprendi com meus amigos,
E que não importa a cor,
A aparência ou a classe.
Só o que importa é o amor!





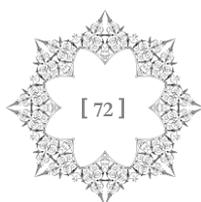
APRESENTAMOS O POEMA

○ CRAVO SOLITÁRIO

Por Mateus Gabriel Rocha Ribeiro

Sobre o autor: Tem dez anos. É um menino muito estudioso e dedicado. Adora estar na escola e desenhar. O seu filme favorito é Velozes e Furiosos. Ele adora assistir Naruto e Netflix.

Em uma noite chuvosa,
O cravo chorava,
pensando que ninguém
o amava.
As pessoas passavam
e nem sequer o olhavam.





APRESENTAMOS O POEMA

MEU DRAGÃO

Por Samilly Martine dos Santos

Sobre a autora: Tem onze anos. Mora em Almirante Tamandaré. Ela tem um irmão. Adora ler e escrever. Em seus momentos livres gosta de pintar e cozinhar. O seu filme favorito é Harry Potter e o cálice de fogo.

Edien meu dragão
Grande e formoso
Como um pavão

Não sabe andar
Mas é muito bondoso
Tenho medo de que fique furioso

Não faz nem dois meses
Que ele nasceu
E nunca adoeceu

Nascido na Russa e logo mudou
Em questão de duas semanas
No Brasil chegou...





APRESENTAMOS O CONTO

JOÃO E O PÉ DE MILHO

Por Teylor Rodrigues Meirelles

Sobre o autor: Tem doze anos. Ele tem dois irmãos e mora em Almirante Tamandaré no Paraná. Ele gosta de escrever histórias, cantar e dançar. Em suas horas vagas gosta de contar piadas. O filme favorito dele é Minha Mãe é uma Peça.

Era uma vez um garoto que se chamava João. Ele morava com a mãe e era muito pobre.

A vida não era fácil e eles precisavam de comida e de dinheiro. Foi então que a mãe de João falou:

— João, pegue a nossa última vaca, que eu nomeei carinhosamente de “Vaca Veia” e a leve até a cidade para que alguém a compre. É com esse dinheiro que iremos comprar a nossa comida.

Então lá foi João e caminhando olhou um homem bem suspeito. E esse o disse:

— Ei garoto! Você gostaria de me vender essa vaca?

Então o menino viu uma oportunidade de vender a Vaca Veia e respondeu:

— Ok.

E o homem continuou:

— Eu não tenho nenhum dinheiro, mas eu tenho essas sementes de milho. Essas não são normais, na verdade, são mágicas!

Então o João maravilhado com aquelas sementes, acabou vendendo a Vaca Veia para o homem.

Quando chegou em casa, mostrou para a mãe, que ao invés de vender por dinheiro a vaca, havia na verdade a trocado por semente de milho mágico.

Foi quando a mãe do garoto enlouquecida gritou:

-É muito burro mesmo! Você só tinha uma coisa pra fazer e olha no que deu! Como iremos nos alimentar, João? Me dê essas sementes aqui!

E a mãe do garotinho pegou as sementes com muita raiva e as jogou pela janela.

Alguns dias se passaram depois da troca da Vaca Veia e com a chuva as sementes deram frutos e essas cresceram tanto mais tanto, que chegaram aos céus.

Maravilhado com toda aquela altura o menino falou:

— Eu vou escalar isso!

Foi então que escalou e escalou tanto, que chegou no céu.

Encontrou no castelo um homem gigantesco que ao perceber a presença de João disse:

— Fi, fó e fu... sinto cheiro de humano.

Neste momento o garoto corre, pois percebeu o perigo que se metera.

O gigante flagrou o peralta correndo, o olhou e gritou:

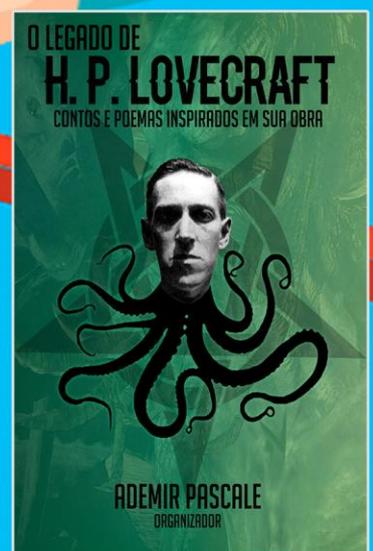
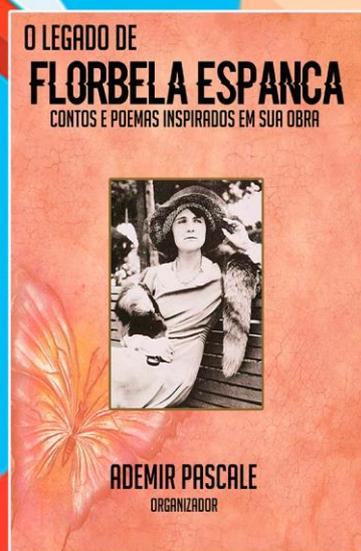
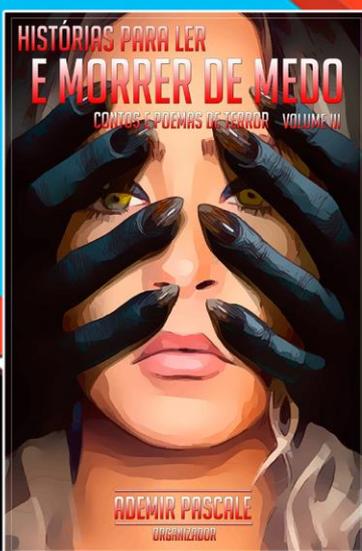
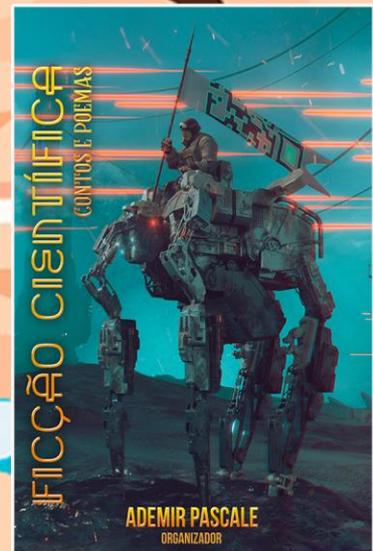
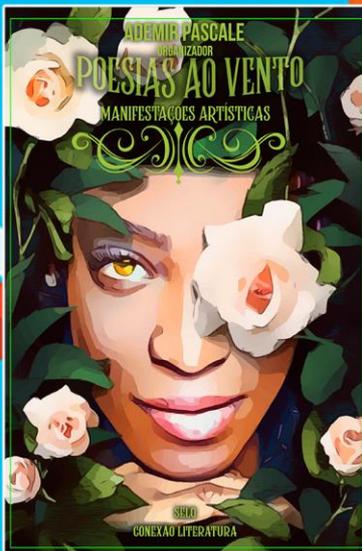
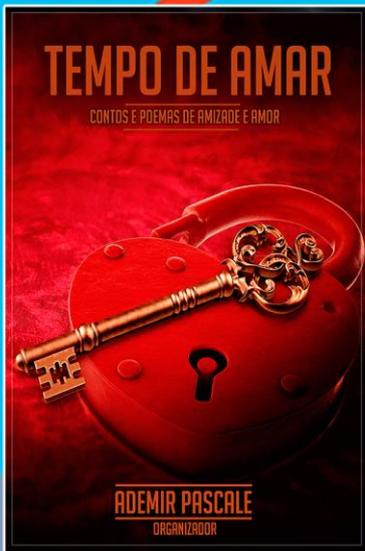
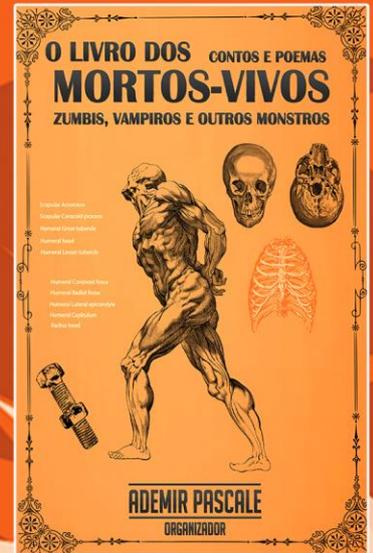
— Tem um intruso aqui... é por isso... mim comer humano.

João olhou do seu lado um animal, que ao redor estava cheio de ouro. Correu até lá o pegou e saiu como um raio de dentro da casa do gigante. Desceu pela árvore a cortou e imediatamente e o pé de milho se desfez.

Foi quando percebeu que havia pego uma gansa que botava ouro. E a partir daquele momento a família de João nunca mais passou dificuldades financeiras e viveram felizes para sempre.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI